

# Sarney descarta

Antes de ir a Guadalajara, presidente

*(Divida Externa) Brasil - México*

INTERNACIONAL

## desnacionalização pela dívida

elogia próxima cúpula latina e dá apoio à Nicarágua

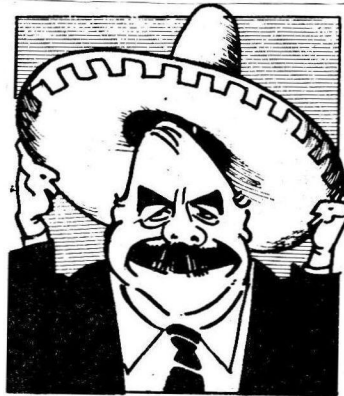
REUTERS

DILZE TEIXEIRA  
Enviada Especial

Cidade do México — O presidente José Sarney assegurou que a conversão parcial da dívida externa em investimentos estrangeiros, cuja proposta estará concluída dentro de 15 dias, não implicará, de forma alguma, na desnacionalização da economia brasileira. "Este é um caminho que estamos aprofundando e possivelmente deveremos utilizá-lo porque é favorável aos devedores. Mas não levará à desnacionalização de nossa economia porque vamos ditar regras e essas regras serão ditadas no momento certo e oportuno, de acordo com o interesse do Brasil", declarou Sarney ao conceder ontem entrevista coletiva momentos antes de embarcar para Guadalajara, onde foi recebido pelo governo do estado de Jalisco, Enrique Alvarez del Castillo.

Na entrevista, o Presidente brasileiro garantiu que não assumiu uma "posição filosófica doutrinária", nem pretendeu dar "qualquer recado ao Brasil", quando elogiou no Congresso mexicano os 60 anos de estabilidade política mexicana, baseada no presidencialismo. Na entrevista coletiva que concedeu momentos antes de embarcar para Guadalajara, Sarney negou-se a comentar a inclusão da emenda que estabelece o parlamentarismo como forma de governo, no anteprojeto final da Constituinte alegando que "seria uma indelicadeza" para com o México, tratar de problemas internos brasileiros.

Ao ser perguntado se concordava com o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, ao declarar (criando um certo mal-estar nos meios diplomáticos) que os acordos feitos pelo Méxi-



co, Argentina e as Filipinas, com o Fundo Monetário Internacional (FMI) constituem um "mau exemplo para o Brasil", o Presidente tentou minimizar: "Houve um problema de tradução, de língua". Interpretou, segundo ele, o que Bresser Pereira quis dizer, e que ele tem dito sistematicamente é que cada país negocia de acordo com seus interesses. Mas concluiu, ratificando a posição do ministro, ao dizer que "do ponto de vista brasileiro, os acordos feitos com o FMI pela Argentina, México e Filipinas não seriam o melhor caminho para nós".

FMI

Durante a entrevista, o Presidente garantiu, como fez Bresser Pereira na véspera, que o Brasil iniciará suas negociações com os bancos privados e só depois negociará com o FMI. "Iniciaremos nossa negociação em setembro com um compromisso já definido de negociar inicialmente com os banqueiros. Não vamos iniciar as negociações pelo FMI", afirmou Sarney. E lembrou o caráter "perverso" da dívida em relação aos países em desenvolvimento, referindo-se, também ao caráter político do problema

e a responsabilidade dos países credores.

O Presidente afirmou que o Brasil vem ajudando materialmente a luta nicaraguense desde o início da instalação do governo revolucionário e politicamente também, na medida em que vem apoiando o Grupo de Contadora, ao ser perguntado se o Brasil pretendia ajudar concretamente a Nicarágua. Disse também que os países da Europa Ocidental, com melhor situação financeira, deveriam ter uma participação mais efetiva e concreta, sair da retórica para uma posição mais efetiva de apoio à luta nicaraguense.

Quase ao final da entrevista, o Presidente classificou de "histórica" a reunião de cúpula que se realizará em novembro, na Cidade do México, com a participação de oito presidentes latino-americanos. Segundo Sarney, desse encontro sairão "medidas concretas" para cimentar a unidade latino-americana.

Antes de iniciar a entrevista coletiva o presidente José Sarney fez uma rápida introdução na qual ressaltou a importância que o Brasil e México terão no processo de integração da América Latina. Lembrou que os dois países representam mais da metade da população latino-americana e que a soma dos respectivos Produtos Internos Brutos significa, da mesma forma, mais da metade do PIB do continente. Após enfatizar o etapa histórica que o relacionamento Brasil/México inicia, exortou os dois países a cumprirem "com coragem e destemor" os compromissos assumidos com vistas à integração latino-americana, lembrando ditado argentino que diz: "Se vamos ao baile teremos que bailar".